



Coleção
Raízes do Futuro

17

COMUNIDADES QUILOMBOLAS MARGARIDA-VIANA E PARAÍSO

MARIANA - MG

História • Território • Economia e Sociedade



CRÉDITOS

Autoras e autores (Comunidade)

Bruna Luyara Borges Gomes, Edson Borges, Elizabeth do Carmo Siqueira, Fabiana Aparecida Miranda, Maria Desidéria Borges, Maria Geralda Ricardo Borges, Viviane do Carmo Oliveira

Equipe do Projeto Raízes do Futuro

Alice Capanema, Frederico Augusto Alves Gonçalves, Jorge Andrade, Leda Maria Benevello de Castro, Marina Fares Ferreira, Regina Campos, Ricardo Ferreira Ribeiro, Rosana Cristina Avelar.

Equipe de edição

Fotos e Mapas - Acervos Cedefes e Comunidade
Projeto Gráfico e diagramação - Derval Braga e Juliana Vaz

Diretoria do Cedefes

Alenice Maria Motta Baeta - *Presidenta*
Luci Rodrigues Espechit - *Tesoureira*
Maria Elisabete Gontijo dos Santos - *Secretária*

Impressão

Imagem Editora Gráfica
2025 - 150 exemplares

Belo Horizonte (MG), dezembro 2025

Apoio



PROJETO RAÍZES DO FUTURO

O Projeto Raízes do Futuro trabalha e valoriza a presença viva das tradições nas comunidades quilombolas de três regiões vizinhas de Minas Gerais — Alto Paraopeba, Vale do Piranga e Campo das Vertentes/Zona da Mata —, buscando, a partir desse patrimônio cultural, construir caminhos para um futuro melhor.

Cada comunidade participante indicou três representantes para integrar um ciclo de dez encontros, realizados aos finais de semana, com intervalos aproximados de 45 dias entre cada um. As reuniões aconteciam sempre nas próprias comunidades. Em cada encontro, eram apresentadas duas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), que os representantes aplicavam em suas comunidades, trazendo os resultados para compartilhar no encontro seguinte.

Essas metodologias permitiram que cada grupo refletisse sobre sua história, território, recursos naturais, modos de subsistência, produção, consumo, relações internas e externas, além da organização das atividades econômicas e socioculturais ao longo do ano.

Os encontros foram concebidos como espaços de aprendizado coletivo e troca de experiências. Além das atividades formativas, aos sábados eram promovidas as Noites Culturais, organizadas pelas próprias comunidades, fortalecendo a identidade e o convívio comunitário.

No entanto, os objetivos do projeto iam além do diagnóstico. Buscava estimular ações concretas capazes de contribuir para a transformação da realidade local. Como resultado desse trabalho, várias comunidades iniciaram o processo de certificação quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, enquanto algumas focaram na organização institucional interna e outras na articulação junto ao poder público, reivindicando melhorias na infraestrutura local.

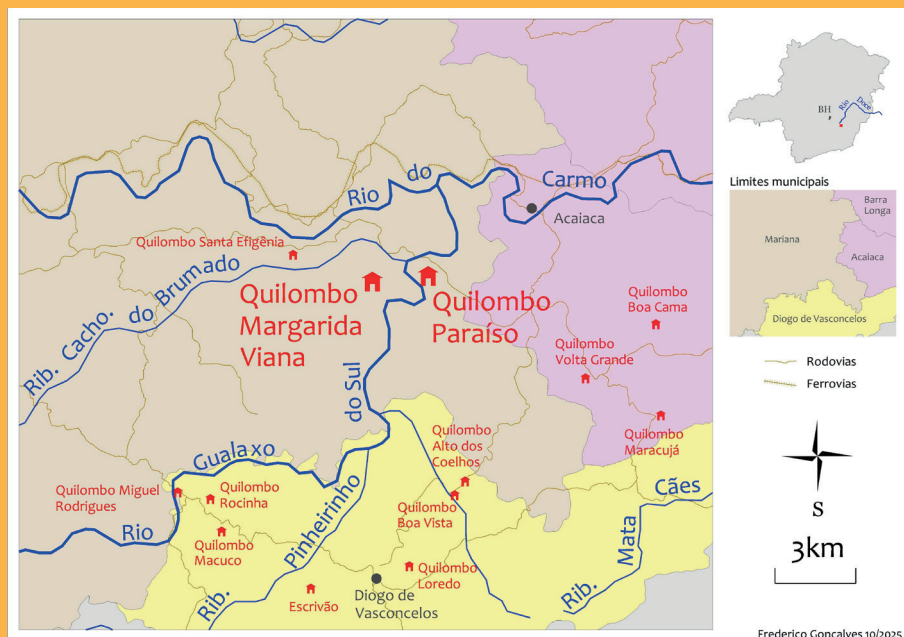
Este livreto integra a Coleção Raízes do Futuro e foi escrito pelos representantes quilombolas participantes do projeto, a partir das pesquisas que realizaram com base nas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS MARGARIDA-VIANA E PARAÍSO

MARIANA - MG

Localização da Comunidade

Margarida-Viana e Paraíso são duas comunidades localizadas no município de Mariana, no distrito de Furquim. As comunidades, cujas histórias se entrelaçam, são divididas pelo Rio Gualaxo do Sul. Paraíso está localizada na parte baixa, plana, enquanto Margarida fica do outro lado do rio, numa encosta íngreme, e vai até o espigão. Descendo o outro lado dessa encosta, fica a Comunidade Viana. Oficialmente, Paraíso é um subdistrito e conta com 24 famílias, enquanto Margarida e Viana formam juntas um único subdistrito, denominado Margarida-Viana, contando com 32 famílias.



Frederico Gonçalves 10/2025

História

Conta-se que a fazenda dos Caldeirões pertencia a um padre que detestava as batucadas das pessoas escravizadas. Por isso, elas entravam na mata e iam fazer suas celebrações bem longe da sede da fazenda, num lugar bonito e plano, daí o nome Paraíso. Aos poucos, as pessoas foram ocupando o outro lado do rio, uma encosta íngreme, hoje Margarida-Viana. A origem do nome da comunidade é desconhecida pelos moradores. As famílias mais antigas da região são os Vilela, Siqueira, Rocha, Borges, Timóteo, Paulino, Bento, Ricardo, Souza e Ferreira.

O relato dos moradores atuais é que seus antepassados viviam da agricultura de subsistência, da caça e principalmente da pesca. Aqueles nascidos nas primeiras décadas do século passado, que nos auxiliaram no presente levantamento histórico, viveram, na sua infância e adolescência, os costumes de seus antepassados. Cultivavam o milho, a mandioca, o inhame, a abóbora, a moranga, o arroz, o feijão, a fava, o chuchu, o quiabo, o jiló, a batata-doce, a pimenta. Só compravam o sal e o querosene para as lamparinas. Às vezes, também o macarrão. Criavam galinha e “engordavam um porquinho”. Para engordar o porco, usavam abóbora, inhame, banana e mamão. No pomar, cultivavam banana, laranja, mexerica, jabuticaba, manga, carambola, jaca, figo. Os plantios eram feitos em mutirão. “Trocavam o dia”, isto é, trabalhavam todos na roça de um, depois na roça do outro. Tudo que plantavam era para o autossustento. Se acabava um item da alimentação, pegavam com outra pessoa. Também se alimentavam de plantas espontâneas como a capiçoba, a caapeba, a serralha e coletavam vários frutos da mata, como o maracujá, o jambo e o ingá. Se um homem adoecia, os outros cuidavam da roça dele para que a família não ficasse sem os mantimentos.

As casas também eram construídas em mutirões. Utilizavam madeiras retiradas da mata, como o cedro, o angico, a

garapa, a braúna. Para o madeiramento do telhado, utilizavam a pindaíba e, para a cobertura, o sapé. Pintavam as casas com o barro branco, uma argila encontrada em alguns brejos. “No mês de dezembro, todo mundo ia tirar o barro para deixar a casa bem branquinha para o Natal”, recorda Carlindo Borges. Esse barro era também utilizado para pintar o fogão à lenha. Muita gente usava o esterco de boi molhado para passar no chão batido. “Ficava muito bonito, verdinho”, ainda afirma Carlindo.

Os remédios vinham da horta, da beira do terreiro ou da mata. Para o sarampo e a caxumba, usavam costa branca ou barba de bode e também urucum; para a dor de garganta, manjerona e gargarejo com tansagem; para pernas inchadas, banho com folha santa; para cicatrizar feridas, seiva de sangra d’água ou adrágua (mesma família da planta amazônica que produz o sangue de dragão); para as vistas, solidona; para diarreia, carrapichinha amendoim; como afrodisíaco, piteirinha; para os males do fígado, caapeba; para furúnculo e feridas em geral, língua de vaca no azeite de mamona.

Os animais também eram tratados com as ervas. A folha da terramicina na água ou socada no fubá é utilizada após os partos e na prevenção e controle da mastite. Focinho de boi o gado come para ajudar a digerir a braquiária.

A cura também se dava pelas benzeções. Havia muitas benzedadeiras e parteiras. A parteira mais antiga de que se lembram foi a Sá Maria Gabriela Bento Borges, casada com Florentino Bento Borges. Eles moravam no Barril, um local dentro da fazenda do Miranda.

A pouca renda que tinham vinha da fibra da piteira, que era vendida em Cachoeira do Brumado. As folhas da piteira eram batidas na pedra e deixadas de molho à beira do rio. “Às vezes vinha a enchente e levava tudo”, lembra Sira Vilela da Rocha. Depois de secas, as fibras eram reunidas em feixes e levadas

em cavalos para Cachoeira do Brumado. Iam por uma trilha que passava pela Fazenda Queimada.

Quando matavam o porco, ficavam com uma banda para a despesa e a outra era comercializada em Furquim. Alguns moradores comercializavam a pimenta. No Paraíso, que é uma baixada, cultivavam e comercializavam também o arroz. Comiam o arroz só aos domingos. Algumas pessoas praticavam o garimpo de ouro com bateia.

Os moradores prestavam serviços nas fazendas na colheita da pimenta ou do café. Também plantavam à meia nas terras dos outros. Mais tarde, na década de 1950, os fazendeiros acabaram com os cafezais para criar gado. O Sr. Lino, um dos entrevistados, morador do Paraíso, conta que cortou muito pé de café. As mulheres, além dos serviços da casa, trabalhavam nas fazendas, arrumando a casa, cozinhando ou lavando a roupa.

Não havia luz elétrica nem água encanada e o acesso era muito difícil. Tinham que buscar água com lata na cabeça para o consumo. Em Margarida, buscavam água debaixo de uma pedreira, onde hoje fica o bambuzinho. No Paraíso, a água era trazida de uma nascente no alto do morro no Ribeira. A roupa era lavada no rio. A vida era muito difícil, mas muito alegre também. Todos eram muito unidos. As moças andavam abraçadas, sempre contentes. Era assim, as moças de um lado e os rapazes de outro. Dançavam o caxambu a noite inteira, uma dança de roda ao som do tambor, das palmas e do canto. O tambor era feito do pendão da piteira depois de seco, que fica oco. Cortavam esse pendão e amarravam um pedaço de couro, geralmente de cabrito, por ser mais fino. A esse tambor davam o nome de caxambu, assim como à dança. As entrevistadas e os entrevistados lembram alguns versos do caxambu:

Caxambu morreu Vamos enterrar
Chega na cozinha, morena, Caxambu tá lá.

A caçamba bonita
Que cor roda
A caçamba bonita
Que cor roda
Sansão veio não veio não
Ah, por que que não veio Não sei não



■ Edir Balbino dos Anjos caminha nas brasas da fogueira, à meia-noite, na Festa de São João na residência de Maria Vilela Martins (Lia de Juca), em 2010.

Quando iam dançar o caxambu, faziam fogueira e dançavam a noite inteira. Assavam bata-doce, comiam cuscuz. As moças escolhiam a saia mais rodada e colorida que tivessem para dançar. Por baixo, vestiam outra saia rendada. “Quando

falava que ia ter caxambu na casa de tio Pedro o coração da gente abria”, recorda Dona Maria Vilela. Às vezes tocavam sanfona. O último sanfoneiro de Paraíso foi o Sebastião Ferreira e, de Margarida-Viana, o Albertino. Mais tarde, passaram a dançar forró ao som da vitrola. Na noite de São João, quando ia chegando a meia-noite, abriam a fogueira e, à meia-noite em ponto, muitas pessoas passavam descalças nas brasas. Essa tradição permanece viva.

Durante o dia trabalhavam pesado, mas à tarde chegavam em casa, tomavam banho e iam encontrar os amigos para conversar, brincar de roda, queimada, passa-anel, pescar no rio. Sempre tinha reza também. E era assim: rezavam na casa de Joaquim Paulino e iam dançar na casa de Adão Siqueira. Sempre assim, rezavam na casa de um e iam dançar forró na casa de outro. Na família dos Timóteos, todo mundo era músico.

Já ralaram muita mandioca. Enchiam sacos de farinha e polvilho. Faziam brevidade. Punham dentro do pilão rapadura, ovo, polvilho e socavam. Depois assavam no forno à lenha. “E era bom...”, recorda D. Sira, com um sorriso que deixa transparecer a memória degustativa. Faziam também broa e cuscuz. A broa era de garapa com fubá e ovo. Assavam no forno ou no fogão. Quando assavam no fogão, cobriam a broa com uma folha de bananeira, punham uma lata por cima e, por cima da lata, punham brasa. A folha de bananeira era para não deixar a broa queimar. Quando não tinha lata, punham a brasa direto em cima da folha da bananeira e dava certo. Faziam também cuscuz de fubá ou de mandioca ralada com fubá.

A primeira capela do Alto da Margarida foi feita em pau-a-pique por um mutirão: Amado Siqueira, Antônio Marcos, Antônio Gardino. Não tinha um padre fixo, ia aquele que pudesse. Quem levou as madeiras foi o Zuza, num carro de boi. O candeieiro foi o Vicente, filho do Zuza. Antes da construção

dessa capelinha, rezavam em volta de um cruzeiro, que era cercado com folhas de piteira.

O Oliveira é quem tomava conta do cruzeiro e dava o catecismo para as crianças. Ele estudou no seminário, mas não pôde ser ordenado padre por ser preto. Seus pais, Manoel Cesário e Ana (Sanita), vieram da fazenda dos Caldeirões para o Mirandinha. Manoel Cesário plantava roças enormes, mas, quando o filho não pôde ser padre ficou aborrecido e se mudou com a esposa para São Paulo.

Dona Maria, da fazenda dos Caldeirões, doou um terreno para o Oliveira, onde hoje é o posto de saúde, a capela e o campo de futebol. A capela atual foi construída em alvenaria por volta de 1987. O cruzeiro atual foi construído em 1942, quando o responsável da Paróquia Bom Jesus do Monte era o padre José Martins da Silva. A capela de Paraíso é de arquitetura singela, mas em estilo colonial, e foi construída na década



■ Primeira capela da comunidade Margarida-Viana dedicada a Nossa Senhora da Conceição, datada da primeira metade do século XX.

As imagens de N. S. da Conceição, do Coração de Jesus, de São Vicente, de São José, de Santa Edwiges e os crucifixos grande e pequeno que compõem a capela de Margarida vieram de uma ermida que tinha na fazenda dos Caldeirões. De lá também vieram três cômodas (a maior o Zuza levou) e um missal bordado a ouro, que ninguém sabe onde foi parar. O cruzeiro veio do seminário de Mariana. Nessa época ainda não havia a estrada que tem hoje. A estrada atual foi construída na década de 1960.

As casas mais antigas de que se lembram eram a de Martinho Damásio e a de João Braz. Os antigos contavam que toda a família do João Braz tinha lepra e vivia de doações. Ninguém sabe dizer em que época isso aconteceu. Têm memória apenas das casas abandonadas.

As celebrações mais importantes das comunidades eram o Natal, a Quaresma e o Mês de Maio. Mais tarde vieram as festas de N. S. da Conceição, padroeira de Margarida-Viana, celebrada em 8 de dezembro, e de Santo Antônio, padroeiro de Paraíso, celebrada em 13 de junho.

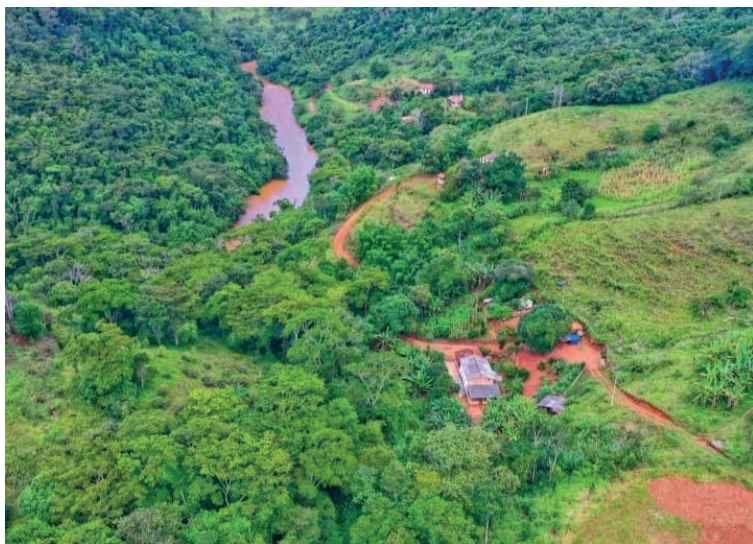
Para o Natal, pintavam as casas e faziam doces. Começavam a fazer os doces no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, quando punham as frutas de molho. No dia de São Tomé, 21 de dezembro, passavam as frutas para a calda. Nesse dia também plantavam banana. Moíam a cana para extrair a garapa com a qual faziam os doces. No dia do Natal, visitavam uns aos outros. Os homens iam de manhã e as mulheres, à tarde.

Na Quaresma tinha a charola – uma casinha de madeira com a imagem - do Senhor dos Passos e histórias de lobisomem. Na Sexta-Feira da Paixão, jejuavam. Tomavam só água até o horário do almoço, quando comiam os peixes que o rio dava: dourado, piaba, curvina, lambari, traíra. À tarde, iam para Furquim. No mês de maio, continuam celebrando o Mês de Maria, com a tradicional coroação em Margarida-Viana e em Paraíso, com as crianças das duas comunidades coroando juntas.

Mais recentemente, o Dia das Crianças passou a ser celebrado em Margarida-Viana. As festas dos santos padroeiros e de São João, com pessoas passando nas brasas da fogueira à meia-noite, permanecem vivas. Algumas benzeções e o conhecimento das ervas também permanecem nas comunidades.

No Paraíso, a água encanada só chegou em 1972 e a iluminação pública em 1987. A primeira escola foi inaugurada em 1965, na casa do Sr. Guilherme. Pouco tempo depois, passou a ter aulas noturnas do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral. A primeira escola de Margarida-Viana funcionou na casa do Sr. Juquinha e a professora era a sua filha Maria das Graças Rolim. Só tinha o Mobral no Paraíso. As escolas pertenciam à rede municipal de ensino. Hoje, as crianças e jovens estudam em Furquim.

■ Território



■ Vista da comunidade de Margarida-Viana.

Atualmente, as comunidades sofrem com o garimpo ilegal do ouro, uma vez que as águas do Rio Gualaxo do Sul ficaram

impróprias para o banho e os peixes impróprios para consumo. “E esse Rio traz tudo pra gente: traz a água, o peixe, a madeira e a areia para as construções”, recorda com uma afetividade comovente a Mírian. As comunidades também não possuem nenhum espaço construído para reuniões e festas. Margarida-Viana tem problemas com acessibilidade porque conta apenas com estrada de terra que em anos de muitas chuvas fica intransitável. Nesses casos, as crianças ficam impossibilitadas de ir à escola. As comunidades não têm transporte coletivo, e as pessoas precisam se deslocar a pé até à rodovia. Margarida-Viana não tem praça de esportes, contando apenas com um campo de futebol, aberto ao acesso de animais. Margarida-Viana sofre também com água de má qualidade. A nascente que abastece a comunidade fica na fazenda vizinha, com frequentes entradas de bois que pisoteiam a região, contaminando e sujando a água. Há problemas também na distribuição da água. Se os moradores que estão mais acima abusam do uso, falta água para quem está abaixo. E é comum também os canos estourarem.

As comunidades já foram muito mais habitadas. Os moradores, aos poucos, foram saindo para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida. No início iam para São Paulo. Hoje vão para Mariana trabalhar no comércio ou nas mineradoras. O sonho de todas as pessoas mais velhas entrevistadas, hoje residentes em Mariana, é poder voltar para a comunidade, assim como o da maioria das pessoas que ainda está na ativa, desde que houvesse possibilidade de trabalho e renda.

Economia e Sociedade

A economia das comunidades acontece por meio das entradas e saídas de produtos, serviços e recursos. Nas entradas, os moradores precisam adquirir em outras localidades

alimentos como arroz, açúcar, óleo, sal, leite, leiteiro, bezerro, carne, café, bebidas e também produtos como sabão em pó, sementes, adubo, ferramentas, remédios, eletrodomésticos, vestuário, móveis, material escolar e de decoração. Além disso, há a chegada de gás, ração, combustível, material de construção, assistência técnica, profissionais da saúde, rede elétrica e telefônicas. Já nas saídas, a comunidade produz e comercializa ovos, galinha caipira, verduras, legumes, frutas, doces, leites e queijos, quitandas, mudas frutíferas, sabão preto e soda, balaos, mão de obra, ervas medicinais, esterco, animais, mel, fubá, carnes, amendoim, alho e também estudantes. Dessa forma, o movimento entre entradas e saídas mostra a dinâmica que sustenta a vida econômica local.



- Atividade Diagrama de Fluxo realizada no Projeto Raízes do Futuro pela comunidade Margarida-Viana e Paraíso.

Nas comunidades de Margarida Viana e Paraíso, as atividades e colheitas acontecem ao longo do ano de forma marcada. Em janeiro, há colheita de banana, abacaxi, acerola, couve, bolo, manga e mamão, além da reza do terço dos homens, que acontece o ano todo na capela. Em fevereiro, continuam

a banana, o carnaval, o bolo, a goiaba, a couve, a massa e o feijão. Em abril, seguem a couve, a banana e o bolo.

No mês de maio, aparecem novamente a couve, a banana e o bolo, e em junho, além desses, comemora-se a festa do Sagrado Coração de Jesus. Já em julho, a rotina continua com couve, banana e bolo, junto à festa junina. Em agosto, além desses, entram a mandioca e o arroz. Setembro traz a mesma produção de couve, banana e bolo.

Em outubro, há também a festa de Nossa Senhora Aparecida, a festa das crianças, além do café, milho e amendoim. Em novembro, seguem a couve, a banana e o bolo. Por fim, em dezembro, aparecem o quiabo, o milho, a couve, a banana e o bolo, além da festa de Nossa Senhora da Conceição.

É importante destacar que os moradores das comunidades de Margarida-Viana e Paraíso se uniram para conquistar a certificação de comunidades quilombolas, o que foi concedido em 11 de setembro de 2025, pela Fundação Cultural Palmares. Atualmente, as comunidades estão em processo de criação de uma associação comunitária quilombola, com o objetivo de fortalecer suas demandas sociais, culturais e econômicas, além de impulsionar ações de melhorias para todos. ■



■ Vista da comunidade de Paraíso.

CEDEFES 40 anos de História

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES é uma entidade privada, sem fins lucrativos, de âmbito estadual, fundada em 1985 por um grupo de professores, sindicalistas e religiosos. O nome é uma homenagem a Eloy Ferreira da Silva, trabalhador do campo e sindicalista no município de São Francisco, Minas Gerais, assassinado por grileiros em 16 de dezembro de 1984.

O objetivo do CEDEFES é promover a informação e educação popular, documentar, arquivar, assessorar, elaborar projetos, pesquisar e publicar obras de interesse dos povos tradicionais e dos movimentos sociais, fortalecendo as suas lutas, organização, articulação e conquista de direitos.

Suas atividades são mantidas, essencialmente, pelo trabalho voluntário dos sócios e colaboradores e uma parceria consolidada ao longo de vinte e dois anos com a entidade de cooperação internacional alemã Misereor e com o KMB, da Áustria.

A entidade tem o apoio também das Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, que abrigam a organização há 17 anos, e dos irmãos Maristas e Franciscanos, que ajudam em situações específicas. Além disso, desenvolve projetos relevantes em parceria com Ministério Público de Minas Gerais.

No ano 2000, durante o Seminário “500 Anos de Resistência Negra no Brasil: os Remanescentes de Quilombo e Outras Experiências”, representantes de movimentos negros de Minas Gerais pediram para o CEDEFES atuar junto às comunidades quilombolas do Estado.

Desde então, entre 2003 e 2022, o CEDEFES conduziu sete projetos de apoio às comunidades quilombolas, em várias regiões de Minas Gerais. Seguindo essa caminhada, em 2023, teve início o projeto “Raízes do Futuro”, o oitavo projeto quilombola fruto da parceria CEDEFES / MISEREOR / KMB. Esta coleção de livretos é um dos resultados deste projeto.

